

## MAIO DE 68 NO QUARTIER LATIN

*Manuela Carneiro da Cunha<sup>1</sup>*

Nosso carro, um pequeno Dauphine branco, foi um herói das barricadas de maio de 68 em Paris. Ainda tenho, um tanto amarfanhado, o cartaz em que ele aparece queimado, na rue Gay-Lussac. Está, como mereceu, em primeiro plano, cercado de paralelepípedos arrancados. Para quem não viveu essa transição, os paralelepípedos podem não significar nada, mas eles foram a principal arma dos estudantes. No sentido próprio, como no figurado: o jornal do movimento foi chamado de “*Le Pavé*”. *Pavé*, que nós conhecemos por cá como sobremesa (pois se pronuncia pavê), ou mais sofisticadamente como um bife, é o paralelepípedo da rua com que se “pavimenta”. Estar desempregado, ou seja, “na rua” se diz ainda na França: “estar sobre o pavé”, embora já quase não haja os tais pavês. Pavê e rua são sinônimos, e a sublevação das ruas teve como munição os pavês arrancados para erguer barricadas e sobretudo para apedrejar os tiras (os flics) ou os CRS, brucutus sinistros mas que tinham autorização de atirar apenas granadas lacrimogêneas. Diferentemente do Brasil na mesma época.

Só para não esquecer o pavê, quero registrar que o desarmamento da população parisiense foi simples: bastou asfaltar as ruas, começando pelo Quartier Latin. Hoje, a gloriosa rue Saint Jacques, por exemplo, caminho de Santiago de Compostela, está tristemente asfaltada.

---

<sup>1</sup> Professora Titular da Universidade de Chicago.

Enquanto nosso carro se distinguia nas barricadas e era imortalizado em fotos históricas, meu marido e eu tínhamos ido burguesmente ao teatro, o Théâtre de l'Odéon, na época dirigido por Jean-Louis Barrault e Madeleine Renaud. Para quem tem tão pouca memória quanto eu, é notável que me lembre disso, mas não me perguntem que peça fomos ver. Meu marido, Marianno Carneiro da Cunha, andava com o manuscrito quase pronto de sua tese de assiriologia para cima e para baixo, numa época em que teses eram exemplares únicos e que se usava tesoura e cola para corrigi-las. Para irmos ao teatro, hesitou em levá-la consigo ou deixá-la no carro, como costumava fazer. Por inspiração divina, resolveu levá-la. Nem é bom pensar o que teria acontecido se a tese tivesse ficado no carro e queimado com ele... Assim, nem prejuízo tivemos: inexplicavelmente (oficialmente, porque tinha sido responsável pelo incêndio da barricada), a Polícia de Paris reembolsou-nos o carro!

O sacrifício do nosso carro inflamou-nos: a partir daí, passamos a desfilar nas manifestações e a frequentar os debates na Sorbonne. Paris era uma outra cidade: com a greve geral, não só os cidadãos começaram, fato inédito, a falar na rua uns com os outros, a andar a pé ou de carona, mas uma solidariedade nunca vista se instalou na cidade. Os mais velhos lembravam os dias gloriosos do Front Populaire. Parece que a efervescência havia sido semelhante. Mas o que mais chamava a atenção era a criatividade. Os muros. Os muros de Paris estavam cobertos de declarações. Na maioria, anarquistas e espirituosas. Algumas depois viraram lugares-comuns, mas nasceram ali. “Sou marxista de tendência Groucho”; “Deus morreu, assinado Nietzsche. Nietzsche morreu, assinado Deus”; “As barricadas obstruem as ruas mas abrem caminhos”. Vários temas que se tornariam importantes – a sociedade espetáculo, a idéia de uma libertação do cotidiano – se inscreveram nesses muros.

Um dos líderes de Maio de 68 foi Daniel Cohn-Bendit. Nascido na França de pai alemão, era pelas leis francesas – que adotam o jus sanguinis e não o nosso jus soli – de nacionalidade alemã: decretado “indesejável” pelas autoridades, corria risco de expulsão. Foi quando se deu uma manifestação inesquecível: milhares desfilaram pelo Boulevard Saint Michel abaixo gritando “Somos todos judeus alemães”, “Somos todos indesejáveis”!

Para mim, Maio de 68 foi uma época de revelações. Uma delas, simples, mas importante, foi descobrir o hiato entre o que se vivia e o que se historiava. Um dia, fui assistir a um debate em um dos anfiteatros da Sorbonne. No dia seguinte,

li no jornal o relato do debate e não reconheci o que eu havia presenciado. É uma coisa óbvia, retrospectivamente, mas para que eu o percebesse foi preciso que eu participasse de um acontecimento suficientemente histórico para que fosse historiado. Vinte anos mais tarde, em 1988, lembrei-me disso quando uma campanha de jornais no país inteiro montou uma versão conspiratória da defesa dos direitos indígenas na Assembléia Constituinte.

A verdadeira revolução foi perceber, por algumas semanas, um vazio de autoridade. O poder e a imaginação estavam nas ruas, tudo era possível, era proibido proibir. As palavras de ordem eram escritas nos muros, e grafites de várias tendências se afrontavam. Os anarquistas dominavam – era o negro contra o vermelho stalinista –, mas já apareciam alguns slogans feministas e até ecologistas: no vestíbulo do grande anfiteatro da Sorbonne lia-se: “A floresta precede o homem, o deserto o segue.” As frases tinham humor, mas também referências eruditas, desde que tiradas de autores contestatários: Nietzsche, Sade, Breton, além de Heráclito e de Santo Agostinho.

Quanto à academia, passou por um terremoto. O epicentro era o Quartier Latin e parte do bairro de Saint Germain des Prés com seus diversos liceus famosos e suas Faculdades. Mas a recém-criada Faculdade de Nanterre, na periferia de Paris, também estremecia. Era toda a autoridade – a dos doutos professores, a dos sistemas consistentes e persuasivos, a do marxismo ortodoxo, a de todas as ortodoxias – que se via contestada: “comam seus professores”, “professores, vocês nos envelhecem”, “a ortographia é uma mandarina” lia-se nas ruas do Quartier Latin. “E se queimássemos a Sorbonne?”, “Violentem sua Alma Mater”, “É possível se pensar à sombra de uma capela?” lia-se no pátio da Sorbonne, bem à sombra de sua capela. E, em Nanterre, uma frase sibilina se insurgia contra a organização e as estruturas. A célebre tirada, já muito parafraseada, tornou-se “quando o último sociólogo for enforcado com as tripas do último burocrata, ainda haverá ‘problemas?’” Uma nova frente intelectual, que não foi imediatamente percebida talvez, estava se abrindo, uma frente em que as palavras de ordem eram a desconstrução, a desconfiança de grandes sistemas e de explicações completas. De repente, no apogeu do estruturalismo, a palavra “estrutura” tinha se tornado suspeita.